

# Dantas: mudanças no fim de semana

ANA CLÁUDIA BARBOSA

O economista Daniel Dantas, que chegou ontem de Roma, onde esteve reunido na última quarta-feira com o Presidente eleito Fernando Collor de Mello, anunciou que as mudanças econômicas do novo Governo não afetarão o mercado financeiro. Acontecerão em um final de semana, para evitar a decretação de feriado bancário.

As principais idéias apresentadas por Daniel Dantas ao novo Presidente são, basicamente, liberar preços gradativamente, manter o controle sobre as taxas de câmbio, restringir a indexação ao setor privado e encontrar uma solução intermediária entre privatização e a estatização da economia brasileira. Para o jovem colaborador de Collor de Mello, qualquer plano de estabilização a ser apresentado à Nação não precisa ser radical. O País, ele diz, está pronto a colaborar nas necessárias transformações econômicas.

— Decretar um feriado bancário de 10 dias causaria um pânico desnecessário. Não devemos fazer nada que arranhe a credibilidade do setor financeiro — disse o economista ao GLOBO ontem à tarde, negando informações, publicadas pela imprensa, de que seria favorável a essa idéia.

Dantas mostrou-se irritado com notícias publicadas de que havia sugerido a Collor feriado bancário por 10 dias, durante o qual seria suspensa a correção monetária dos títulos públicos. Classificando a informação de antagônica ao seu pensamento, desabafou: "Deve ter partido de alguém que deseja inviabilizar minha participação na nova equipe".

O ganho financeiro que o Governo teria com a medida não seria tão atrativo a ponto de compensar o risco de tomá-la, disse. O importante, acredita Daniel Dantas, é diminuir o grau de indexação da economia, tentando restringi-la ao setor privado. Por enquanto essas são apenas idéias. Dantas voltará a conversar com Collor para detalhar mais suas propostas.

Ele acha fundamental, por exemplo, liberar preços, mas de forma gradativa e acompanhada de uma abertura do mercado nacional, desembaraçando as importações. Os monopólios naturais (tarifas públicas, basicamente) se manteriam sob a tutela do Estado. O mesmo aconteceria com o câmbio, que passaria por uma correção, não pela liberação. O economista se apóia nos exemplos mal sucedidos em outros países para não apostar num câmbio totalmente flutuante.

Também não se classifica como privatista ou estatizante, alegando que quando existe a polêmica sobre qual a melhor saída significa que "a solução é intermediária". Admite, porém, que o Governo não tem condições de administrar o Estado do tamanho que está.

O colaborador de Collor acredita que corrigir os rumos atuais da economia não será uma tarefa tão árdua como aconteceu na Argentina ou mesmo na Alemanha pós-guerra, e assegura: "O problema do Brasil é que querem substituir saúde por remédio. Nós queremos evitar isso. Não houve nenhuma guerra, o País está inteiro, pronto para qualquer mudança", conclui.

## PRINCIPAIS SUGESTÕES PARA ESTABILIZAÇÃO DA ECONOMIA

### Preços serão liberados aos poucos; o câmbio, não

**1.** Câmbio — Não deve ser liberado, pois os exemplos de outros países comprovam não ser a melhor saída. Defasagem pode ser corrigida.

**2.** Preços — Liberados gradativamente, com autorização para importação. Tarifas públicas precisam ser controladas, assim como monopólios e oligopólios.

**3.** Déficit Público — Só pode ser reduzido depois que o Governo mudar sua postura, ganhar credibilidade. O Estado

precisa aplicar bem o dinheiro do contribuinte.

**4.** Privatização — Necessária, mas não precisa ser feita de imediato, de uma tacada só. O Governo deve manter as Estatais dos setores de atendimento básico à população, como energia elétrica e telefone.

**5.** Desindexação — Pode ser feita, mas com muita cautela. Não é básica para o combate imediato à inflação.